

Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa

Versos inéditos de Guerra Junqueiro

O grande poeta da *Morte de D. João*, ao pedido que lhe dirigimos para colaborar na nossa modesta revista, respondeu-nos com a seguinte carta:

Meu presado amigo:

A poesia que lhe mando foi publicada em tempo n'uma revista sem leitores. Portanto, verdadeiramente, é *inédita*. Saiu, além d'isso, toda errada e incompleta.

Agora vae completa.

De v.
Guerra Junqueiro.

Barca d'Alva, 14-2-1901.

Ao eminente poeta agradecemos a sua gentileza.

A MINHA MÃE

(DA VELHICE DE JEHOVAH)

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Cafá mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam voando sempre em torno dos seus lares

2

Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebreu.
Vinhão-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao ceu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, allumiando o espaço,
Eu balbuciava a minna infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia;
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas...
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão, em noite sem lua e n'um barco sem velas,
Errantes, através do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto,
E para todo o crime o seu perdão de Pae!...

.....
A minha mãe faltou-me era eu pequenino.
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo de oliveira!

GUERRA JUNQUEIRO.

MANHÃ

(INÉDITO)

Que esplendor! que vigor! que graça! que harmonia!
À pulverisação da luz acaricia
Da floresta viçosa, atletica, possante
Os frescos vagalhões de verdura fragrante
Que rolam da montanha em doidas gargalhadas,
Desgrenhando no azul as jubas inflamadas,
E inundando de sombra e de força e d'amor
Os peitos maternas da natureza em flor!
Dir-se-hia um tropel de gigantes convulsos
Com tyrsos colossaes nos monstruosos pulsos,
Um ruidoso tropel de enormes Briareus
Levantando e agitando os braços para Deus,
Cheios de luz, de sons, de fremitos, de vida,
E que, ao verem de longe a campina florida,
Correm avidamente alegres, como outrora
Os robustos Teutões de cabellos d'aurora,
Ao verem com o olhar ingenuo e deslumbrado
Ao longe a Italia a rir, branca, no azul doirado!

Como isto dá saude, alegre e robustece!
Um ditirambo d'ouro aqui termina em prece
E uma oração termina em vermelha canção.
A Morte não se vê n'esta religião
Da natureza; aqui tudo resplende e canta,
Um sepulcro de planta é um berço d'outra planta.
E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte,
Que está constantemente eliminando a morte.
Na floresta não ha nem cruzeiros, nem caveiras.
Os vermes sepulcraes aqui são trepadeiras,
A flor não se batiza, o roble não jejua,
A lampada do sol e a lampada da lua
Não precisam d'azeite, os frescos arvoredos
Abraçam-se dizendo adoraveis segredos,
E casam-se á vontade, a rir, na luz imensa,
Sem precisar de cura e sem tirar dispensa,
Porque num dia os rosas votaram n'um concilio
Que havia só um papa infalivel: Virgilio!

Que esplendor! que vigor! que amor! que plenitude!
Eu quero mergulhar o corpo na saude
Da terra que produz as arvores frondosas!
Quero aprender a ser vermelho com as rosas!
Agoas vivas da encosta, a correr, transmiti
Para o meu coração a frescura que ri
N'esse vivo cristal! Lirios brancos do monte,
Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na fronte
Essa candura intacta e virgem, de luar!
Rouxinoes, ensinae-me a chorar e a cantar!
Abelhas, revela-me a graça misteriosa
Com que extrahis o mel do calix d'uma rosa,
Para eu extrahir puras canções d'amor
D'uns labios que tambem são como a rosa em flor!

Creanças, vinde rir, brincar, saltar, voar!
Abri o firmamento azul do vosso olhar,
Onde cantam não sei que aves do paraíso...
O aroma do lilaz transforma-se em sorriso
N'essas bocas em flor, cuja alegria pura
Borbototeia em nós, como o sol na verdura!
Para vos ver passar pelo caminho agreste,
Abre a pervinca em flor o seu olhar celeste...
D'uma risada nossa, ó creanças vermelhas,
Fez Deus no mez d'Abril azas para as abelhas!
Desprende a correr os cabellos doirados,
Rasgae os aventaes nas sebes dos valados,
Encharcae-vos d'orvalho, estrelae vos d'amoras,
Perpassae, colibris! iluminae, auroras!
Sede um enxame d'ouro a rir pelos caminhos...
Tendes berço, poupae por conseguinte os ninhos...
Mas, como os anjos são em Abril salteadores,
Anjos colhei, cortae aos braços as flores
Com que o Amor enfeitou as varzeas e as campinas!

As rosas fel-as Deus para as mãos pequeninas.

E vós noivas gentis, noivas de loiras tranças
Virgens que já coraes e que inda sois creanças,
Pombas em cujo seio o amor vae despontar,
Como um lirio d'aurora em urnas de luar,

Madrigal

Quando toda de branco, á hora do sol posto
Na luz crepuscular d'uma tarde d'agosto,
Solto o cabelo d'ouro, em extasi de amor,
Vaes pallida, através do teu jardim em flor
Para fitar, beijar teu seio alabastrino
Vesper abre no azul o seu olhar divino,
Mavioso o rouxinol gorgeia na espessura
Julgando vêr da lua a face argentina e pura
E a cotovia acorda e diz alvoroçada:
— Cantemos! que além vem rompendo a madrugada!

GUERRA JUNQUEIRO.

3

Quem dá ais, ó rouxinol
Lá para as bandas do mar?...
E' o meu amor que na cova
Leva as noites a chorar!...

O' meu amor, dorme, dorme
Na areia fina do mar,
Que antes da estrella d'alva
Contigo me irei deitar!...

4

GUERRA JUNQUEIRO.

Vinde, correi tambem pelas profundas naves
D'este templo de Deus onde cantam as aves,
E vestidas de branco e de graça inocente,
Pombas, deixae cahir religiosamente
A bençam patriarcal dos ramos da floresta
No divino esplendor da vossa fronte honesta!...

79-81

GUERRA JUNQUEIRO.



1

A Dôr

O' Rainha da Angustia! ó Rei Jesus!
Venha a nós esse imperio onde reinaes,
Todo amor, todo esp'rança e todo luz!

Venham a nosso peito os vossos ais!
A nossas mãos, ó Christo, os vossos cravos!
Maria, á nossa alma os teus punhaes!

Venham a nós as chagas, que são favos!
Venham tua agonia e teu madeiro,
A nós, ó rei do Céu, a teus escravos!

.....
Seja a hora do prelio a Eternidade!
E o globo estreito a arena, onde não cança
A batalha do Amor e da Verdade!

Cavalleiro de Deus, ergue-te e avança!
Põe na bigorna os cravos de Jesus;
Bate-os cantando... E' o ferro da tua lança!

Faz a hastea da lança d'uma cruz;
Vae, cavalleiro, de viseira erguida,
Dá lançadas magnanimas de luz!

E hão de estrellas sangrar de cada f'rida,
Que em rosarios, ardendo, chorarão
Uma a uma no Golgotha da vida!

.....
A Dôr, a eterna Dôr, eis o meu goso.
O pão do meu banquete, cinza escura,
E o meu vinho jovial, fel amargoso.

E' a Dôr quem liberta a creatura:
Ou em miseria humana ande encarnada,
Ou em tigre feroz ou rocha dura!

Oh! abraza-me a alma envenenada,
Faz em carvão meu coração perverso,
Dôr temerosa, Dôr idolatrada,

O' Dôr, filha de Deus, mãe do universo!

a.)

GUERRA JUNQUEIRO.

5

JUNQUEIRO, POETA ROMÂNTICO (3)

1."Manhã"
A Chronica
N.º 36, Mar. 1901, p. 3

2."A Minha Mãe"
A Illustração Portuguesa
N.º 2, 27 Jul. 1885, p. 6

3."Madrigal"
Azulejos
N.º 23, 24 Fev. 1908, p. 6

4.[Quem dá ais...]
Brasil-Portugal
N.º 329, 1 Out. 1912, p. 651

5."A Dôr"
Brasil-Portugal
N.º 324, 16 Jul. 1912, p. 562



BLX

HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA